

Palavras da Comissária do Pavilhão de Portugal na Expo'98

■ DR.ª SIMONETTA LUZ AFONSO ■

Uma parte significativa do património histórico e artístico português é, hoje ainda, desconhecido do público em geral e dos investigadores em particular. Não nos referimos ao rico acervo monumental espalhado por todo o país mas aos tesouros que se mantêm, há séculos, escondidos no fundo dos oceanos. Não só as circunstâncias da privilegiada posição geográfica de Portugal, com a sua extensa fachada atlântica, mas, sobretudo, o seu histórico pioneirismo na exploração dos oceanos, fazem da costa nacional uma importante jazida arqueológica capaz de revelar valores artísticos incalculáveis tanto como documentos cruciais para o entendimento de aspectos mais obscuros do seu passado.

As narrativas de barcos afundados em baixios, arrastados por correntes ou engolidos pelas vagas que preenchem a nossa história trágico-marítima, bem como os dados até agora revelados por prospecções arqueológicas circunstanciais, confirmam o carácter intercivilizacional do território português, tornando-o um verdadeiro arquivo de toda a humanidade.

A especial importância, neste quadro histórico, da época dos Descobrimentos, quando se lançam, a partir das primeiras viagens marítimas, as bases do Mundo Moderno, tornavam este tema um ponto de reflexão obrigatório no Pavilhão de Portugal na Expo'98, dedicada aos Oceanos, no mesmo ano, afinal, em que se comemora a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

A recuperação de uma nau ou de um galeão da Carreira da Índia, materialização inequívoca da viagem enquanto descoberta e aventura, símbolo da ideia da comunicação entre os povos que a representação portuguesa na Expo pretendia sublinhar, daria um sentido acrescido ao Pavilhão de Portugal. Em termos expositivos, constituiria a forma mais inédita e impressionante de representar a primeira ligação efectiva e regular entre o Ocidente e o Oriente.

A ideia começava a tomar forma. O objectivo era de tal forma aliciante que nem mesmo a antevisão do trabalho exaustivo de levantamento de registos de viagens, comparação de fontes, identificação de locais de naufrágios e avaliação das possibilidades de resgate e dos meios necessários à operação, nos fizeram vacilar no nosso propósito.

Da ideia passou-se ao projecto. De arquivo em arquivo, aqui e na vizinha Espanha, foi necessário descobrir os fundos documentais apropriados, ler e transcrever centenas de fólios em letra miudinha e, finalmente sistematizar toda a informação recolhida para obter uma ideia precisa que nos pudesse conduzir com algumas certezas à fase seguinte. As hipóteses eram cada vez mais aliciantes. Os dados disponíveis apontavam a enganadora barra do Tejo como uma das jazidas arqueológicas mais importantes, o que tornava o projecto cada vez mais empolgante. À oportunidade de expor os restos de uma nau da Carreira da Índia vinha juntar-se a curiosa circunstância de se tratar de um navio engolido às portas da mais cosmopolita metrópole da época das Descobertas, cidade de “muitas e desvairadas gentes”, reforçando assim o protagonismo desta capital que se renovava para receber a última exposição mundial do século.

A longa experiência dos arqueólogos que haviam já explorado estas paragens, a persistente tradição oral que referia o achamento fortuito de objectos nas praias após tempestades mais violentas, bem como a informação sobre contínuas prospecções clandestinas nesta área, fizeram o resto. Desde o primeiro momento que sabíamos poder contar com o apoio inequívoco

e incondicional do Ministério da Cultura, através, primeiro, do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico e, mais tarde, do Instituto Português de Arqueologia. A aposta era muito alta e o tempo jogava contra nós, tanto mais que se conhecia de antemão a inconstância dos regimes de ventos e marés no local. Mas o entusiasmo vigoroso de Francisco Alves e de toda a sua equipa nunca esmoreceram perante as dificuldades que se previam.

Uma completa campanha de arqueologia subaquática, apoiada num criterioso e exaustivo levantamento de arquivo, com carácter sistemático e um rigoroso acompanhamento científico, constituía uma oportunidade única que não se podia perder. Coincidência feliz, procedia-se simultaneamente à reestruturação do sector de arqueologia subaquática, através do devido enquadramento institucional e adequada produção legislativa. Todos os esforços eram consentâneos. A decisão estava tomada, estávamos prontos a iniciar os trabalhos prévios de prospecção arqueológica.

A campanha teve início em Outubro de 1996. A evidência dos primeiros achados apontaram para a forte probabilidade de estarmos perante os restos da nau *Nossa Senhora dos Mártires*, ali afundada no dia 15 de Setembro de 1606, quando regressava de Cochim.

As histórias cruzadas de algumas das personagens que vinham a bordo reconstituem um pedaço da história da viagem e são importantes e curiosos testemunhos de época. As peças foram objecto de tratamento e conservação por parte de equipas multidisciplinares de cientistas e historiadores já com larga experiência e com provas dadas neste domínio, tendo-se igualmente procedido ao estudo demorado dos objectos, à sua inventariação, análise, classificação e contextualização num trabalho integrado e pioneiro que já deu os seus frutos.

De facto, além do imediato interesse expositivo desta campanha, ela marcou também um novo capítulo na política cultural portuguesa, através da criação e aperfeiçoamento de infra-estruturas de apoio técnico, de conservação e de restauro, e da formação de técnicos especializados, profissionalmente habilitados numa área científica que começará agora, estou certa, a ter grande expressão em Portugal.

No Pavilhão de Portugal, que terão oportunidade de visitar no próximo dia 9, os objectos encontrados nesta prospecção são as únicas peças originais presentes, ocupando um espaço dos mais destacados na exposição. São testemunhos vivos de uma aventura que o público revive e partilha e cuja força advém não só da autenticidade, como do facto de ser a primeira vez que são mostrados.

Um ambiente de evocação dos trabalhos arqueológicos restitui ao público, a magia desses momentos únicos em que os arqueólogos se confrontaram com objectos inéditos ali depositados há quase quatro séculos. Esta evocação é feita através de uma projecção em ciclo-rama de 360°, a que chamámos Aquarama, e onde se recria a sensação de imersão total do visitante no meio aquático e a sua participação na descoberta.

A base narrativa do Aquarama é constituída pelas imagens recolhidas durante a campanha arqueológica, retrabalhadas e inseridas numa paisagem marinha criada em 3D CGI com técnicas de infografia de forma a simular um fundo do mar real.

É assim com uma enorme satisfação que julgo poder afirmar, sem reservas, que atingimos todos os objectivos a que nos propusemos. De uma ideia nascida há cerca de 5 anos, ou talvez melhor, de um desejo, concretizou-se um projecto pioneiro que constitui um incentivo exemplar para a comunidade científica portuguesa e estrangeira. O Pavilhão de Portugal deixou assim uma marca perene da sua presença, muita para além da necessária efemeridade característica a projectos desta natureza. O terreno está agora preparado para que se possam iniciar outras escavações com a consequente vertente de estudo, conservação e musealização.

A organização deste simpósio em Portugal com a presença de tão ilustres conferencistas é bem a prova do sucesso desta iniciativa, que, com muito orgulho partilhei.

Speech of the Commissioner of the Pavillion of Portugal in Expo'98

■ DR. SIMONETTA LUZ AFONSO ■

A significant portion of the Portuguese artistic and historical heritage is, even today, unknown to the public and scholars alike. We are not talking about the rich monumental assets spread throughout the country, but about the treasures which, for centuries, have lain hidden on the bottom of the ocean. Portugal's excellent geographic location, along with its long Atlantic facade and Portugal's pioneering role in the exploration of the oceans, are why our entire coast is an important archaeological deposit. Our coast line is likely to hold objects of immeasurable artistic value as well as hull remains which may be crucial for the understanding of more obscure aspects of our past.

Portuguese archives are laden with reports of ships that had foundered on shoals, were swept away by winds, or were devoured by waves — all those tragic stories that are so frequent in our maritime history — as well as the data uncovered in the past by circumstantial archaeological research, confirm the intercultural nature of the Portuguese territory, making it a true archive for all humanity.

The particular importance of the Discoveries era, which was the period of the first maritime voyages during which the foundations of the modern world were laid, made underwater archaeology an obligatory theme for the Portuguese Pavillion at the 1998 World Exposition which was devoted to the Oceans. This is the very year when the discovery of the maritime route to India is being commemorated.

The recovery of a *nau* or a galleon of the *Carreira da Índia*, which embodied the voyages of discovery and adventure, also symbolized the idea of communication between the cultures. This was a theme that the Portuguese delegation to the 1998 World Exposition wanted to stress, as it would provide a new and broader scope to the Portuguese Pavillion. In terms of the exhibit, this archaeological project would be an impressive and unique way of representing the first regular communication between the West and the East.

Thus, an idea began to take shape. The goal was so alluring that not even the prospect of demanding work — to include the gathering archival records of voyages, comparing sources, identifying wreck sites, evaluating the chances of recovering a shipwreck and estimating the means needed for the operation — could deter us in our zeal to achieve that goal.

That simple idea fostered the project and to the need to secure adequate funding. From archives in Portugal and in Spain, we read and transcribed hundreds of documents written in a detailed hand, and organized all the information we gathered in order to formulate an idea that would lead us to the next stage with a sense of certainty. The prospects became more and more alluring. The available data suggested that the treacherous bar of the Tagus contained an important archaeological deposit, which made the project even more exciting. Not only could we exhibit the remains of a *nau* from the *Carreira da Índia*, but we could also include the curious circumstance of a ship being destroyed at the entrance of the most cosmopolitan city of the Discoveries era; a city that received “many and different peoples”. This could reinforce reinforcing its role as a capital that was renewing itself in order to receive the last World Exposition of the twentieth century.

The storied experiences of archaeologists who had already explored the Tagus bar, when used in conjunction with a persistent oral tradition that mentioned rare objects washed up on adjacent beaches after violent storms, and information regarding ongoing

clandestine treasure hunting in that area, were also vital to our decision. From the beginning, we knew we could count on the unequivocal and unconditional support of the Ministry of Culture, first through the Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, and later through the Instituto Português de Arqueologia. The stakes were very high and time was playing against us, particularly as we recalled the high tides and strong winds around the Tagus bar. The vigorous enthusiasm of Francisco Alves and his team, however, remained undampened by the anticipation of these obstacles.

A thorough underwater archaeological campaign, which was supported by judicious and exhaustive archival work, and a systematic care for quality and scientific rigour, promised a unique opportunity that could not be lost. By a happy coincidence, Portuguese underwater archaeology was being restructured at the same time, to include the establishment of an adequate institutional and legislative framework. All the signs were favourable. A decision was made: we took the plunge and began the preliminary phases of archaeological research.

The campaign began in October 1996. The initial findings immediately suggested that we were in the presence of the remains of an India *nau* called *Nossa Senhora dos Mártires*, which foundered upon the bar on 15 September 1606 while returning from Cochin, India. Accounts of the people on board enable us to reconstruct fragments of the voyage's story and are important and curious testimonies to that era.

The recovered objects were conserved by an interdisciplinary teams of scientists and historians with vast experience and prestige in this field. The objects were also studied at length. They were inventoried, analyzed, and classified. Their *in situ* associations established and fixed. All these operations were accomplished as the initial phase of an integrated archaeological project, and has already produced good results.

In fact, beyond its immediate exhibit interest, this archaeological campaign also marked a new chapter in Portuguese cultural policy. The creation and improvement of technical support infrastructures, the conservation and restoration of artifacts, as well as the experience gained by several specialized technicians, I am sure, will benefit Portugal and world.

In the Portuguese Pavillion, which you will have the opportunity to visit, the objects recovered during this research are the only original pieces exhibited, occupying one of the most prominent spaces of the expo. They are living testimonies of an adventure the public can relive and share, whose force derives not only from their authenticity but also from the fact that this is the first time that they are displayed.

The evocative atmosphere lent by the archaeological operations allows the public to experience the magic of those unique moments when the archaeologist first encounters remains that had been forgotten for almost four centuries. This feeling is evoked via a projection in a 360-degree cyclorama which we called the Aquarama; this projection recreates the impression of total immersion in an aquatic environment, and places the visitors in a participatory relation with the findings.

The Aquarama consists of images taken during the archaeological campaign that have been reworked and inserted in a sea landscape created in 3-D CGI with infographic techniques designed to simulate an authentic sea bottom.

It is with great satisfaction that I say, without reserve, that we have attained all the goals we had established. An idea — or should I say desire — that was born five years ago materialized into a pioneering project that creates an exemplary catalyst for the national and international scientific community. The Portuguese Pavillion has thus left a lasting mark far beyond the ephemeral quality that is typical of such projects. The ground has now been prepared for future excavations and, with them, their natural consequences of study, conservation and museology.

The organization of this Symposium in Portugal, with the presence of such renowned speakers, is a proof of the success of an effort which I am very proud to have shared in.